

VIOLÊNCIA(S) NA ESCOLA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS NOS CAMPOS DA SOCIOLOGIA E DA EDUCAÇÃO?

Edmar Augusto Semeão Garcia¹

Camila Souza Silveira²

Raissa Maia Bacos³

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre violência, educação e escola utilizando como referencial teórico leituras dos campos das Ciências Sociais e Educação. A metodologia que orientou esta pesquisa foi baseada no levantamento do tipo Estado da Arte de artigos publicados em periódicos das áreas mencionadas disponíveis no Scielo. Pretendemos expor as diferentes violências dentro da escola e como os agentes da educação podem contribuir para a diminuição de ações pautadas por agressões físicas ou verbais dentro dessa instituição

Palavras-Chave: Violência, Educação, Escola, Sociologia, Conflito.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). edmar.garcia@ich.ufjf.br

² Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). camila.silveira@ich.ufjf.br

³ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). raissamb@yahoo.com.br

O Brasil tem convivido com um cenário intenso onde a violência encontra-se presente no cotidiano dos muitos cidadãos do nosso país. Diariamente temos acesso através dos mecanismos de informação a relatos de pessoas que praticaram ou foram vítimas de diferentes tipos de violência. Com o espaço escolar não é diferente. A realidade das escolas está relacionada aos diversos tipos de violência também. Neste ponto, no que se refere à violência que é praticada no espaço escolar, existem literaturas que abordam essa temática, sendo importante para o desenvolvimento deste trabalho, destacar as pesquisas de Alba Zaluar, Marília Abramovay, Pierre Bourdieu, Álvaro Chrispino, Vicente de Paula Faleiros e Yves Michaud.

Neste artigo, temos a intenção de refletir sobre como esta temática vem sendo tratada pelos pesquisadores da Educação e das Ciências Sociais. A partir daí, identificar as diferentes formas de violência e como se manifestam no cotidiano escolar, analisando os seus desdobramentos no que tange à maneira como a escola, enquanto instituição socializadora, vem lidando com esse problema.

Para compor um quadro das pesquisas que abordam a temática da violência no espaço escolar foi realizada uma pesquisa do tipo Estado da Arte (FERREIRA, 2002; ANDRÉ et al, 1999), tendo como principal fonte de dados o portal de periódicos Scielo. Utilizando os descritores “violência”, “escola”, “violência na escola” e “violência escolar”, foi feito um levantamento dos artigos publicados em revistas dos campos da Educação e Ciências Sociais. Os números relativos a essa pesquisa serão apresentados mais adiante.

Com o intuito de compreender o fenômeno da violência, iniciaremos este artigo problematizando o conceito de violência a partir de estudos da Sociologia realizados nos últimos anos. Em seguida contextualizaremos o significado de violência escolar e o papel da escola no cenário atual, destacando seu objetivo fundamental no que diz respeito à socialização e a formação integral do educando e os desafios que esta instituição tem enfrentado ao lidar com a problemática da violência presente em seu cotidiano. Na sequência, apresentaremos e discutiremos os resultados da pesquisa realizada no âmbito deste projeto e, por fim, teceremos algumas considerações sobre os principais aspectos que atravessam a relação escola e violências.

O fenômeno violência no contexto social e escolar: características e conceito

Para compreendermos melhor o que estamos chamando de fenômeno da violência no contexto escolar é importante apresentarmos o que é a violência, amparados por alguns autores com os quais dialogamos na pesquisa.

É comum pensarmos que a violência é uma conduta praticada somente através de manifestações agressivas verbalmente ou fisicamente e apenas por pessoas. Contudo, Yves Michaud em seu livro “A violência” salienta que:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD, 1989, p.10-11).

Todavia, é preciso destacar que nas palavras de Michaud, esta interação pode ocorrer através de atores institucionais. Neste sentido, devemos nos atentar também para determinadas situações em que o Estado, assim como as Polícias, pratica diferentes tipos de violência dentro da sociedade, impactando de forma direta ou não, nas escolas, nos jovens e adolescentes. Compete às forças armadas militares, civis e federais oferecer segurança para a população dentro do território brasileiro. No entanto, Alba Zaluar⁴ frisa que tais profissionais muitas vezes cometem atos violentos, deixando de proteger toda a sociedade a fim de manter a ordem social, de forma que legitimam o cumprimento da lei em diversas situações com violência, conseqüentemente cometendo crimes.

Alba Zaluar traz para a discussão sobre a violência, um conceito importante para compreendermos como esta se manifesta de diferentes maneiras na escola e na sociedade. Em seu artigo *Violência e Crime* destaca que:

A violência estrutural passa a ser distinguida das outras formas de violência: a institucional, a doméstica, a interpessoal. [...]A dificuldade principal dessa abordagem é que a violência torna-se um sinônimo de desigualdade, exploração, dominação, exclusão, segregação e outros males usualmente associados à pobreza ou a discriminações de cor e de gênero. Não oferece, pois, meios para pensar àquelas ações caracterizadas pelo excesso ou descontrole no uso da força física (ou dos seus inúmeros instrumentos) nas interações sociais, passíveis de controle democrático (ZALUAR, 2014, p. 28).

Sendo assim, vemos que jovens e adolescentes convivem com comportamentos violentos direta ou indiretamente na medida em que podem fazê-lo ou recebê-lo sem estarem atentos a determinado ato, uma vez que ele pode estar enraizado no discurso, não sendo evidenciado como uma violência. Tal ação está presente em nosso cotidiano e em CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

diversos locais de interação social, sobretudo nas escolas, cujo espaço possibilita aos adolescentes e jovens a oportunidade de adquirirem conhecimentos em diversas áreas fundamentais para a escolarização e exercício da cidadania.

Além disso, do ponto de vista legal, é possível perceber, conforme destacado pela autora, que os aspectos básicos de subsistência, que são os direitos de cada indivíduo previstos principalmente na Constituição Federal de 1988, caracterizam-se como aspectos de violência estatal e que, portanto, podem ter consequências dentro da escola.

Com isso, a violência estrutural já citada por Zaluar, se faz presente no cotidiano do cidadão à medida que fatores primordiais como educação, saúde e segurança deixam de ser ofertados de forma democrática e universal a todos. Embora tivéssemos nos últimos anos diversas políticas de universalização da educação, como Educação para Jovens e Adultos, Supletivo, abertura de cursos profissionalizantes e criação de cotas a fim de promover o alcance da população ao Ensino Superior, democratizando tal segmento, esta popularidade encontra-se distante de muitas realidades ainda hoje. Além disso, aqueles que conseguem acesso à escola e seus respectivos programas estão sujeitos a cometerem e sofrerem atos de violência, uma vez que o contato com diversos tipos de comportamentos agressivos está presente dentro deste contexto.

A autora destaca ainda a participação e ação da polícia, sobretudo na relação com pessoas negras e/ou com poder aquisitivo inferior e moradoras de centros marginalizados contrastando com a forma pela qual lida com o oposto as características apresentadas. Nesta lógica, podemos citar a diferença entre pessoas de raças distintas como também distinção da escola pública e privada.

As escolas estão (in)diretamente relacionadas a diversos tipos de violências. Tal espaço que tem como um dos objetivos formar cidadãos para a sociedade (e isto envolve não somente as relações como também no âmbito profissional) tem sido espaço para disseminação e legitimação de ações pautadas de violência (física/não física).

A violência física é muitas vezes utilizada para resolver um conflito. Também tem como finalidade restabelecer uma ordem hierárquica entre eles e/ou adquirir este respeito para com outros jovens. Já a violência não física aparece também com uma nova classificação de violência. Está presente em muitos discursos, tanto dos alunos quanto professores, mesmo que de forma invisível (simbólica) ou mascarada com brincadeiras (bullying), imposições de ações físicas e/ou verbais, apelidos, coerção, entre outros.

Também são consideradas manifestações da violência humilhações, discriminações e preconceitos, tal como homofobia.

Estes problemas estão relacionados não somente pela interação social dentro do espaço escolar, assim como a sua comunidade e familiares, além da localização (entenda-se região ou bairro). Faleiros destaca que a violência:

É um processo social relacional complexo e diverso. É um processo relacional, pois deve ser entendido na estruturação da própria sociedade e das relações interpessoais, institucionais e familiares. A sociedade se estrutura nas relações de acumulação econômica e de poder, nas contradições entre grupos e de classes dominantes e dominados bem como por poderes de sexo, gênero, etnias, simbólicos, culturais, institucionais, profissionais e afetivos. É um processo diversificado em suas manifestações: familiares, individuais, coletivas no Campo e na cidade, entre os diferentes grupos e segmentos, e atinge tanto o corpo como a psique das pessoas. (FALEIROS, 2008, s/p).

Evidentemente, o espaço escolar não contribui unicamente para o desenvolvimento de comportamentos violentos, sejam eles físicos, verbais ou simbólicos. Como disse anteriormente, há um processo que corrobora para a prática ou não de atos violentos, interna ou externamente à instituição escolar.

O comportamento violento dentro da escola muitas vezes pode ser reflexo do convívio social fora daquele espaço em que todos os agentes estão envolvidos e, como consequência, ações pautadas por agressões são reproduzidas naquele micro espaço social. Não obstante, há também de ser considerado que os estudantes podem, a partir da interação dentro da escola, reproduzir determinados comportamentos em outros locais. Embora o foco seja a análise no espaço escolar e tentaremos elucidar esta questão, os fatores extraescolares também estão relacionados ao objeto de estudo.

A pesquisa

Para a realização desta pesquisa, analisamos 36 trabalhos relacionados a violência escolar divididos entre os campos da Educação, Ciências Sociais, selecionados através da base de dados do Scielo⁸ como podemos observar na tabela 1:

Tabela referente aos artigos recolhidos no periódico Scielo

| Título | Ano | Área |
|---------------------------------------------------------------------------------|------------|-------------|
| A civilização como projeto político e pedagógico da modernidade | 2003 | Educação |
| A defesa da disciplina Sociologia nas políticas para o ensino médio 1996 a 2007 | 2008 | Educação |

| | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|------------------|
| A escolha racional e criminalidade | 2008 | Educação |
| A racionalidade na ação do criminoso | 2010 | Ciências Sociais |
| A violência entre a inclusão e a exclusão social | 2000 | Educação |
| A violência na Escola - Abordagem teóricas e propostas de prevenção | 2010 | Educação |
| A violência na Escola francesa | 2001 | Ciências Sociais |
| A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias | 2001 | Educação |
| A violência nas práticas escolares de adolescentes | 2001 | Educação |
| Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor | 2008 | Educação |
| Alta tensão | 2000 | Educação |
| Antisocial boys | 1992 | Educação |
| Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor | 2003 | Educação |
| Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar | 2012 | Educação |
| Brasil: mito fundador e sociedade autoritária | 2000 | Ciências Sociais |
| Bullying escolar - um fenômeno multifacetado | 016 | Educação |
| Cidadania e espaço público a partir da escola: resgate, recriação ou abandono? | 2007 | Educação |
| Coercivefamilyprocess. | 1982 | Educação |
| Conceito de violência escolar: desafios e impasses | 2011 | Educação |
| Conflitos e indisciplina no contexto escolar - a normatização do Sistema de Proteção Escolar em São Paulo | 2011 | Educação |
| Desafios e alternativas: violência nas escolas | 2002 | Educação |
| Enfrentando a violência contra crianças e adolescentes | 2004 | Educação |
| Entre o passado e o futuro | 2000 | Ciências Sociais |
| Escolha racional e criminalidade. Uma análise crítica do modelo | 2008 | Educação |
| Fatores associados à violência escolar - evidências para o Estado de São Paulo | 2016 | Educação |
| História e Sociologia da Violência | 1989 | Ciências Sociais |
| Igualdade, desigualdades e diferenças: o que é uma escola justa? | 2013 | Ciências Sociais |
| Juventude, pesquisa e educação. | 2001 | Ciências Sociais |
| O Conceito de violência e suas implicações Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEV) (Revista) | 2003 | Ciências Sociais |
| O limite da exclusão social: meninos e meninas de rua no Brasil | 1993 | Ciências Sociais |

| | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|------------------|
| Os lugares da Sociologia na educação escolar de jovens no ensino médio: formação ou exclusão da cidadania e da crítica? | 2003 | Educação |
| Revertendo violências, semeando futuros: avaliação do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco | 2003 | Educação |
| Saúde e violência na infância e adolescência | 1994 | Educação |
| Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu | 2002 | Educação |
| Tecnologia da Violência contemporânea | 1989 | Ciências Sociais |
| Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil | 2001 | Educação |
| Violência e auto estima dos adolescentes | 2006 | Educação |
| Violência e crime. Revista Brasileira de Ciências Sociais | 2014 | Ciências Sociais |
| Violência e mal estar na sociedade. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização | 1999 | Educação |
| Violência em meio escolar no Brasil uma alternativa formativa para professores e futuros professores | 2013 | Educação |
| Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade | 2010 | Educação |
| Violência na escola: O be a bá da intolerância e discriminação | 2015 | Educação |
| Violência na escola: Processos de socialização | 2001 | Educação |
| Violência na escola: quando a vítima é o processo pedagógico | 1999 | Educação |
| Violência nas escolas: testando as teorias de controle social | 2007 | Educação |
| Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental | 2004 | Educação |
| Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo | 2007 | Educação |
| Violências: lembrando alguns conceitos | 2006 | Educação |
| Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente | 2002 | Educação |

É importante salientar que através dos títulos de cada pesquisa é possível termos um panorama sobre este campo de estudo que tem se constituído como um cenário de interesse dos pesquisadores. Além disso, podemos identificar que as pesquisas indicam que há outros tipos de violência e que este tipo de fenômeno não se resume apenas as agressões físicas. Pelo contrário. Conforme salientei em tópicos acima, a violência não física e que pode ser caracterizada pela discriminação, racismo, bullying, autoritarismo, ameaça, entre outros, e simbólica estão presentes no cotidiano social, sobretudo na escola.

Outra possibilidade de análise ficou evidenciada quando verificamos a prevalência da publicação de artigos sobre a temática de estudo em periódicos da Educação mais do que em periódicos das Ciências Sociais, conforme demonstra o gráfico a seguir.

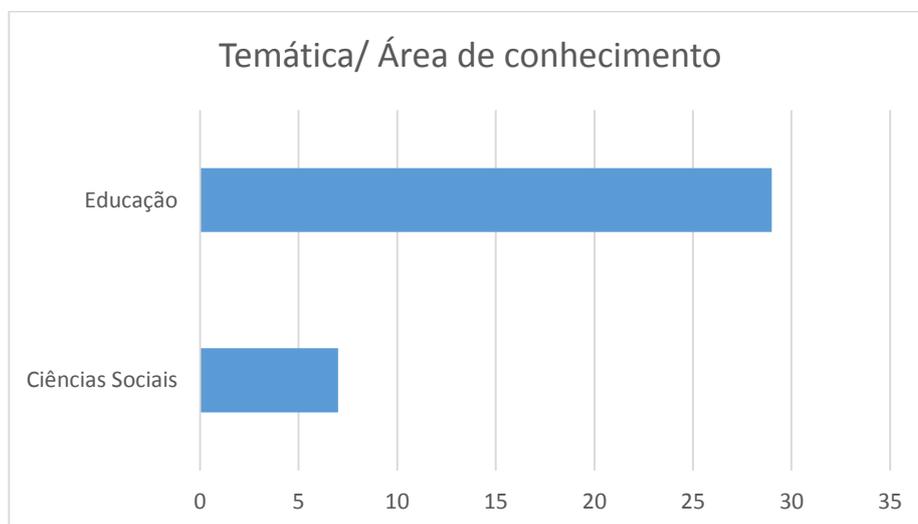


Gráfico de artigos/ área de conhecimento

Observa-se neste gráfico que os estudos acerca da violência no campo escolar carecem de maior destaque nas Ciências Sociais. Embora os trabalhos encontrados estejam falando sobre a temática, a sua abordagem refere-se aos conceitos e definições. Já em relação ao campo da Educação onde foram encontrados 80,56% dos trabalhos, podemos constatar que este assunto tem tido uma importância considerável no que se refere ao desenvolvimento de artigos relacionados à escola. Os trabalhos relacionados a área da Educação possuem um foco na relação dos atores que fazem parte daquele espaço, elucidando os vários tipos de violências presentes dentro da instituição, sobretudo porque está diretamente ligada as perspectivas de avanços nesta área.

Diferentemente do campo da Educação, as Ciências Sociais ainda não voltaram por completo a sua atenção para a relação entre escola/violência. Não obstante, é importante destacar que durante o curso de Bacharelado, as Ciências Sociais dão pouca ênfase a este conteúdo essencial para a formação daquele estudante que futuramente poderá se tornar um docente a nível médio à medida que concluir o curso de Licenciatura. Entretanto, limito este trabalho a maiores considerações nesta área, deixando-a para debater em futuras pesquisas.

No que se refere ao conteúdo dos trabalhos encontrados, destacaremos a seguir aqueles que trazem, no nosso entendimento, contribuições mais significativas para compreendermos o fenômeno da violência na escola.

Segundo Marília Abramovay em seu artigo “*Violência na escola: O be a bá da intolerância e discriminação*”, uma escola com regras autoritárias, ditatoriais pode corroborar para que a violência seja exposta naquele espaço de conhecimentos técnicos.

Sabemos que a violência está presente em toda a sociedade e suas relações. De acordo com Patterson (1982, 1992), a concepção de imposição da disciplina marcado por cada estilo parental, no que tange práticas autoritárias, inconsistentes e punitivas e permissivas contribuem para que crianças, adolescentes e jovens sejam excluídos por seus iguais e para a ocorrência de comportamentos violentos. O comportamento agressivo que se manifesta no interior das famílias se generaliza. Os comportamentos violentos que apareciam apenas no contexto familiar, surgem também no meio escolar, tanto na sala de aula quanto na relação com os amigos, e depois na rua. Desta forma, constitui-se como uma transferência da violência dentro da família, escola e rua.

Marília Sposito salienta em seu artigo “*Um Breve Balanço da Pesquisa Sobre Violência Escolar no Brasil*”, que fatores extraescolares contribuem consideravelmente para práticas violentas no espaço escolar, dentro as quais ela frisa em sua pesquisa: roubos, furtos, agressões verbais e físicas. No caso das agressões físicas, roubos e furtos, a autora ressalta que em muitos casos houve a utilização de armas brancas para a ação violenta. Em meio a este processo, a autora apresenta o surgimento de debates em torno da segurança nas redondezas das escolas através de maior policiamento com uma forma punitiva e ações educativas dentro da escola, por exemplo, medidas protetivas e de coibição da violência. Entretanto, a autora frisa que as polícias também são agentes de violência à medida que utilizam de força física e coerção como tentativa de sanar este problema social.

Ainda sobre a violência escolar, Sposito (2001) salienta que está expressa nos aspectos de natureza ampla, embora ainda insuficientemente conhecidos. Assim, ressalta que uma primeira dificuldade quando tratamos da conceituação da violência é sua grande diversidade, fato que exige uma adequada e precisa delimitação empírica, tendo em vista que a ambiguidade do conceito comporta uma variedade de comportamentos como

indisciplina, assédio moral, entre outros. Assim, os diversos usos de significação da palavra violência levam a alterações expressivas no conjunto das ações escolares.

Ristum (2004) observa que nos textos acerca do tema, encontra-se um amplo campo de definições, das mais abrangentes às mais particularizadas, denotando os diversos sentidos do conceito e a controvérsia na delimitação do próprio objeto. Nesse sentido, a ampla definição de conceitos dificulta a definição consensual. Waiselfisz e Maciel (2003) apontam duas questões que dificultam a conceituação da violência. A primeira refere-se ao fato de que os significados do termo violência são socialmente construídos, modificando-se de acordo com o momento histórico ou o contexto social. A segunda está relacionada ao fato de que a palavra violência pode se referir a situações bastante diversificadas, tais como a doméstica, juvenil, bélica, contra a criança, simbólica, que se associam a modos de manifestação e de entendimento diferentes.

Nessa mesma linha é que se encaminha a leitura de Chauí (2000) ao afirmar que, a “violência é entendida como uso da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser. A violência é violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém”. A autora acrescenta que a “violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos” (CHAUI, 2000, p. 337).

Minayo e Assis (1994), no estudo da violência escolar no Brasil, confluem para o caráter estrutural e cultural da violência, associada à desigualdade socioeconômica, ao desemprego e à exclusão social. Estes fatores potencializam a violência na sociedade, as precárias condições de moradia, o desemprego, a falta de perspectiva de um futuro melhor são expressões das desigualdades sociais.

Guimarães (1992) assinala que a violência urbana invade a escola e deturpa o ritmo de seu funcionamento. Piva e Sayad (2000), por sua vez, investigando a violência urbana em processos de infratores de 12 a 18 anos, identificam que os fatores que levam ao comportamento violento advêm da desagregação familiar e exclusão social.

Santos (2001) complementa que a escola é o ponto de explosão econômico, social e político. Camacho (2001) frisa que as instituições escolares vivem um padrão de sociabilidade entre os pares marcados por práticas violentas que são geradas por desigualdades sociais e culturais.

Arendt (2000) relaciona uma forma de violência que ela designa como estrutural com a violência social. Segundo a autora, a violência estrutural apresenta-se como resultado de uma ideologia presente na sociedade, que impõe leis e regras para o controle social, privilegiando alguns grupos em detrimento de outros, determinando as desigualdades e promovendo a exclusão de determinados grupos sociais. Dessa forma, a sociedade, por ser hierarquizada cultural, econômica e socialmente, determina exclusões e discriminações que se reproduzem no interior das escolas, de modo que se pode interpretar a violência aí presente também como resultado da violência social.

Seguindo as categorizações dos aportes teóricos, pode-se constatar que a violência escolar coloca em evidência o sistema social e sua reprodução. A escola como instituição que faz parte da sociedade, sofre os reflexos e reproduz a violência estrutural e institucional no seu cotidiano, na medida em que perpetua padrões alienantes e excludentes. Entretanto, a violência escolar também tem sua gênese na relação direta com o estabelecimento de ensino, no processo educativo e na ação pedagógica sendo, portanto, uma violência específica do campo educacional.

Podemos inferir que a temática da violência nas escolas constitui ponto de confluência de processos sociopolíticos, econômicos, culturais e simbólicos. Conforme Abramovay e Rua (2002), a compreensão do fenômeno requer atenção tanto dos aspectos externos às instituições de ensino, como as questões de gênero, relações sociais, situações familiares, aspectos da experiência do bairro e aspectos internos como idade, nível de escolaridade, regras, disciplina, autoridade e sistema de punição

Considerações finais

Vimos que os conceitos utilizados pelos autores Yves Michaud, Alba Zaluar e Vicente Faleiros acerca da violência, bem como a análise mais aprofundada em torno do significado de violência escolar trazido por Spósito, Ferreira, Minayio, entre outros nos mostram que ao falarmos de comportamentos hostis, compreendemos que dentro deste espaço ocorre uma multiplicidade de ações pautadas em agressividade. Contudo, os autores abordaram questões relacionadas a violência escolar que não se resume apenas as agressões físicas. Pelo contrário. Observamos que as ferocidades que tanto a instituição, como corpo docente e alunos praticam ocorrem também através de ações verbais. Nesta lógica, atitudes que socialmente podem não ser caracterizadas como violência, são

salientadas neste trabalho a fim de elucidar os diversos tipos de ações verbais e simbólicas existentes no cotidiano da escola.

Além disso, é fundamental frisar que variadas formas de se praticar brutalidades na escola não se constituem fatores exclusivos daquele espaço social. Há uma via de mão dupla onde estes múltiplos atos agressivos são expostos em todos os locais que há interação social. Em vista disso, é possível compreendermos que o papel da escola como agente formador de cidadãos com adjetivos capazes de se desenvolver de forma ampla como tal tem sido ofuscado pela progressão sistemática de atores praticantes de violências dentro da instituição escolar. Entretanto, é de fundamental importância que os governos Federal, Estadual e Municipal atuem diretamente na diminuição de cenas de violência dentro e ao redor das escolas à medida que realize maiores investimentos na educação, dando a oportunidade de todos terem acesso a uma escola de qualidade.

Não obstante, a escola deve atuar como agente de inclusão promovendo a participação de todos os jovens e adolescentes nas atividades, estimulando-os durante as aulas. Àqueles que enfrentam maiores dificuldades de aprendizagem, sabemos que é necessário um cuidado especial para que este não tenha uma baixa estima e opte por se afastar da escola, criando outro problema social, que é a evasão escolar. Para Paulo Freire (1996), a Educação é um processo humanizante, social, político, ético, histórico e cultural.

Desta forma, ele afirma que a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. No entanto, Freire parte da ideia de reciprocidade, ganho mútuo, interação que, para ele, o homem é um ser em construção, não importando a posição na qual esteja. Por estarem no e serem do mundo e pelas suas incompletudes, os homens carecem de relações, na medida em que suas necessidades são comuns, que há convergência.

O autor frisa que ensinar é buscar, indagar, constatar, intervir, educar. O ato de ensinar exige conhecimento e, conseqüentemente, a troca de saberes. Pressupõe-se a presença de indivíduos que, juntos, trocarão experiências de novas informações adquiridas, respeitando também os saberes do senso comum e a capacidade criadora de cada um.

Sabemos que por diversos motivos muitos tem optado por abandonar a escola, uma vez que entre outras razões, o distanciamento dos Educadores é uma determinante. Sem incentivo e atenção para aqueles que mais necessitam, não vêem outro caminho.

No entanto, é preciso repensar o modelo de escola que queremos e como esta poderá contribuir para o melhor aprendizado dos alunos. As regras e o tradicionalismo herdado atualmente não interessam aos alunos que entendem ter outras possibilidades de ocupação do tempo.

Assim, Saviani (1987) salienta que o saber deve ser construído coletivamente, por isso é imprescindível a participação de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Ao aluno cabe não somente a aquisição do conteúdo, mas a transformação do meio social no qual está inserido, fazendo deste um local de igualdade quanto às oportunidades.

A oportunidade do jovem e adolescente conviverem com os saberes, que são fundamentais para a sua formação, pode modificar a visão daqueles que entendem a violência como o caminho para a resolução dos conflitos, sejam eles presentes dentro do espaço escolar ou na região onde residem.

Neste sentido, a estrutura escolar requer uma atenção, sobretudo, o currículo e como suas atividades são desenvolvidas. Desta forma, poderemos envolver estes estudantes dentro da escola a fim de adquirirem cada vez mais capital cultural, reconhecendo a importância do currículo, do diploma, professores e escola, conforme destaca Saviani em Educação e Democracia:

(...) a causa da marginalidade é identificada com a ignorância. É marginalizado da nova sociedade quem não é esclarecido. A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente (SAVIANI, 2005, p. 07).

Evidentemente que em relação à problemática do conceito não há consenso entre os pesquisadores quanto às causas que produzem a violência escolar, muito menos quanto ao fenômeno em si. Diante disso, devemos questionar em que medida o conceito de violência escolar ultrapassa o caráter descritivo da realidade e abre espaço para críticas e autocríticas no campo educacional.

Dentro desta concepção acerca da violência, há de considerarmos também como fator que corrobora a prática de comportamentos hostis acerca da imagem e valor da escola, a deslegitimação sobre o diploma. Tanto as crianças quanto adolescentes e jovens tem resistido cada vez mais em frequentar à escola e, portanto, adquirir os conhecimentos técnicos que cada saber oferece. Nesse sentido, Wills (1988) destaca que para alunos

adolescentes, filhos de trabalhadores, esta resistência deriva-se de um sentimento de que os conhecimentos escolares e o próprio diploma são insuficientes para possibilitar uma ascensão social que os coloque acima da classe operária que seus antecessores estão.

Bourdieu (1999) aponta uma contradição do sistema escolar que ao mesmo tempo em que promove o acesso à escola, acarreta também em uma exclusão social. Como consequência, os próprios alunos começam a perceber que o benefício em frequentar a escola se formar a fim de conseguir o diploma é ilusório, à medida que ao ingressarem no mercado de trabalho, não identificam o valor esperado. Assim, tal ação constitui-se um fator relacionado a evasão escolar cada vez mais cedo e promotor de violência.

Não obstante, como mais um fator determinante para a evasão escolar ou para o aumento da violência na escola, destaca-se outros fatores como a discriminação, segregação, bullying. É importante ressaltar neste ponto que o empenho e dedicação do corpo docente para com os alunos, o comprometimento dos professores com o seu trabalho e o tratamento sem distinções entre os melhores e piores rendimentos são elementos fundamentais para a diminuição da violência e evasão escolar. Quanto maior a sua perspectiva pela e para com a escola, menor o índice de violência dentro ou fora.

Observa-se o quão importante é a figura do professor. Educadores que possuem disponibilidade para se comunicar com os estudantes, além de demonstrar interesse em sua vida pessoal e bem estar, preocupando-se com estes, e isolam castigos e/ou humilhações, corrobora para maior participação dos estudantes, ao passo que o seu rendimento também é favorável.

É evidente que somente com estas ações, a violência social e escolar não terminará. Todavia, oportunizando igualmente aos adolescentes e jovens, certamente a Educação proporcionará nestes uma nova visão para repensarem estratégias de como interagir com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M, OLIVEIRA, H. **Violência na escola: O be a bá da intolerância e discriminação In Oliveira (Org) Direitos negados: a violência contra a criança e adolescente no Brasil.** 2006. Brasília: Unicef, p.29-53.

ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro.** 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BATISTA, J.D. **Conceito de violência escolar: desafios e impasses.** NDH.v1, n1, 2001.

BOTO, C. **A Civilização Escolar como Projeto Político e Pedagógico da Modernidade:** cultura em classes, por escrito. Ano 2003.

BOURDIEU, P. **A Reprodução:** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 6ª ed. Lisboa: Francisco Alves, 1970.

CAMACHO, L.M.Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes.** São Paulo: Educação e Pesquisa, vol.27, n.1, 2001.

CAMPOS, S. M. **Escolha racional e Criminalidade: Uma avaliação crítica do modelo.** Rio de Janeiro: n.22, 2008, p. 93-110.

CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Pro-Posições, vol.13, n.3 (39), Set/Dezembro, 2000.

CHRISPINO, Á. **Gestão Escolar – De classificação dos conflitos aos modelos de mediação**. Rio de Janeiro: Ensaio: Avaliação Políticas Públicas e Educação, v.15, n.54, 2007, p. 11-28.

DEBARBIEUX, E. **A violência na escola francesa 30 anos de construção social do objeto**. São Paulo: Educação e Pesquisa, vol.27, n..1, Jan./Junho, 2001.

DEBARBIEUX, Éric et al (Orgs). **Desafios e Alternativas: violência nas escolas**. Brasília: Unesco, 2003.

FALEIROS, V. de P.; FALEIROS, E. S. **Enfrentando a Violência contra Crianças e Adolescentes**. 2ª Ed. Brasília: Unesco, 2008.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUADALUPE, C. T. **Violência nas Escolas: Testando as teorias de controle social**. 2007. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Sociologia da Faculdade e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007

GUIMARÃES, E. **Cotidiano escolar e violência**. In: ZALUAR, A. Violência e educação. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.

JOLY, M.C.R.A.; VENDRAMINI, C. M. M. **Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor**. São Paulo: Psicologia Teoria e Prática, 2003, cap.5. p.67-8.

LORDELO, L.R.; BASTOS, A.C.S.; ALCÂNTARA, M.A.R. **Vivendo em contexto de violência:o caso de um adolescente**. Maringá: Psicologia em Estudo, v. 7, n.2, jul/dez. 2002, p. 31-40.

MADEIRA, F.R. **Escola e Violência: quando a vítima é o processo pedagógico**. São Paulo: Perspectivas, vol.13, n.4, Out/dez. 1999.

MINAYO, M.C.S. **O limite da exclusão social: meninos e meninas de rua no Brasil**. Rio de Janeiro: Cadernos Saúde Pública, vol.10, n.1, Jan/Mar. 1994.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

MORAES, F.N. L. **Da Sociologia cidadã à cidadania sociológica: as tensões e disputas na construção dos significados de cidadania e do ensino de Sociologia.** 2009. 240 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2009.

MOTA, C.C.S. K. **Os lugares da Sociologia na educação escolar de jovens no ensino médio: formação ou exclusão da cidadania e da crítica?.** 2003. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio Sinos, Porto Alegre. 2003.

RODRIGUES, D. S. **Cidadania e espaço público a partir da escola: resgate, recriação ou abandono?.** 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília 2007.

SOUZA, M.A.N, S. **A defesa da disciplina Sociologia nas políticas para o ensino médio 1996 a 2007.** 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

MARRIEL, C. L. **Violência e auto estima dos adolescentes.** São Paulo: Cadernos Pesquisas, vol. 36, n.127, Jan/Abr, 2006.

MICHAUD, Y. **A violência.** 1ª Ed. Paris. Atica. 1989. Capítulo 2, História e Sociologia da violência; P. 16-40.

MICHAUD, Y. **A violência.** 1ª Ed. Paris. Atica. 1989. Capítulo 3, Tecnologia da violência contemporânea; p. 42-54.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G. **Saúde e violência na infância e adolescência.** Rio de Janeiro: Jornal Pediatria, v.70, n.5, 1994, p. 263-266.

NOGUEIRA, A. M. M; NOGUEIRA, M. A. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições.** Campinas: Educação & Sociedade, vol.23, n.78, Abr, 2002, p. 15-35.

PATIAS, N.D; SIQUEIRA, A.C; DIAS, A.C.G. **Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar.** São Paulo: Educação e Pesquisa, vol.38, n.4, Out./Dez, 2012.

PATTERSON, G.R. **Coercive family process**. Eugene: Castalia, 1982.

PATTERSON, G.R.; REID, J.; DISHION, T. **Antisocial boys**. Eugene: Castalia, 1992.

PINO, A. **Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo**. Campinas: Educação e Sociedade, vol.28, n. 100, Out. 2007.

PIVA, M.; SAYAD A. **Alta tensão**. São Paulo: Educação, v. 26, n. 227, 2000, p. 34-45.

PORTO, M.S.G. **A violência entre a inclusão e a exclusão social**. São Paulo: Tempo soc. vol.12, no.1, Maio, 2000.

RISTUM, M.; BASTOS, A. C. de S. **Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental**. Rio de Janeiro: Revista Ciência Saúde Coletiva, v.9, n.1, 2004, p.225-239.

RUOTTI, C. **Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade**. São Paulo: Educação e Pesquisa, v.36, n.1, jan./abr, 2010, p. 339-355.

SCHILLING, F. **Igualdade, desigualdade e diferenças: o que é uma escola justa?**. São Paulo: Educação e Pesquisa, vol.39, n.1, Jan./Mar, 2013, p.31-48.

SACRAMENTO, L.T.; REZENDE, M. M. **Violências: lembrando alguns conceitos**. Aletheia: n.24. Jul/Dez, 2006, p. 95-104.

SANTOS, J. V. T. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, v.27, n.1, jan./jun. 2001, p.105-122.

SEBASTIÃO, J. **Violência na escola. Processos de Socialização**. Oeiras: Sociologia, Problemas e Práticas, no.71, jan, 2013, p. 23-37.

SILVA, M.; SCARLATTO C. E. **Violência em meio escolar no Brasil: uma alternativa formativa para professores e futuros professores**. Curitiba: Educar em Revista, n.49, jul./set. 2013, p. 339-353,

SILVA, J.M.A.P.; SALLES, L.M.F. **A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção**. Curitiba: Revista Educação, n.spe2, 2010, pp.217-232.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

SOUZA, M. A.; CASTRO, R. E. F. **Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor**. Maringá: Psicol. Estud., vol.13, n.4, Out/Dez, 2008.

SPOSITO, M. P. **Juventude, pesquisa e educação**. Caxambu: Anais, ANPED, 2001.

SPOSITO, P. M. **Um Breve Balanço da Pesquisa Sobre Violência Escolar no Brasil**. São Paul: Educação e Pesquisa, vol.27, n.1, Jan/Jun, 2001, p.87-103.

TAVARES, P.A.; PIETROBOM, F.C. **Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo**. São Paulo: Estudos Economia, vol.46, n.2, Abr./Jun, 2016.

WAISELFISZ, J. J.; MACIEL, M. **Revertendo violências, semeando futuros: avaliação do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco**. Brasília: Unesco, 2003.

ZALUAR, A. **Violência e Crime**. Anais, Revista Brasileira de Ciências Sociais. n.13, 2014

ZALUAR, Alba. Violência e mal estar na sociedade. **Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização**. São Paulo Perspec. vol.13, n.3, Jul/Set.1999.

ZEQUINÃO, M.A; MEDEIROS, P; PEREIRA, B.; CARDOSO, F.L. **Bullying escolar: um fenômeno multifacetado**. São Paulo: Educação e Pesquisa, vol.42 n.1, Jan./Mar, 2016, p. 181-198.